

Práticas letradas das mulheres estudantes do Miguel Velho: saberes diários

Zislene Santos Bahia¹
Mestra em Crítica Cultural - UNEB
zisbbr@gmail.com

Lícia Maria Lima Barbosa²
Doutora em Estudos Étnicos e Africanos - Posafro - UFBA
pedrobeninho@yahoo.com.br

Resumo: *Este artigo refere-se ao recorte de uma dissertação de mestrado, intitulada Mulheres do Miguel Velho: reinventando letramentos em práticas cotidianas, que se constituiu na tentativa de conhecer as práticas de letramentos no cotidiano de mulheres da Educação de Jovens e Adultos - EJA. A escolha do tema e do objeto de estudo desta pesquisa está intimamente relacionada com a trajetória de vida pessoal e profissional da pesquisadora. A pesquisa é de inspiração etnográfica, a qual, na primeira fase, utilizou o Estado da Arte, a partir do que se comprovou a necessidade de incorporar autoras negras que retratassem questões de gênero e raça, além de autores que abordassem letramentos, numa perspectiva social. As informações foram coletadas a partir da observação participante, entrevistas semiestruturadas, aplicação de questionário e registros fotográficos. Neste, percebemos que as mulheres do Miguel Velho, se envolvem em diversos eventos de letramento fora da escola e usam suas capacidades e conhecimentos de mundo. São mulheres ativas, independentes, guerreiras, que apesar do rótulo de "iletradas", conduzem as suas vidas com destreza e sabedoria.*

Palavras-chaves: *Letramento; Mulheres; EJA; Miguel Velho.*

Abstract: *This article refers to the clipping of a master's dissertation, entitled Women of Miguel Velho: reinventing literacies in daily practices, which was an attempt to learn about literacy practices in the daily lives of EJA women. The choice of the theme and object of study of this research is closely related to the researcher's personal and professional life trajectory. The research is of ethnographic inspiration, which, in the first phase, used the State of the Art research approach, in addition to authors who deal with literacies, in a social perspective. Information was collected from participant observation, semi-structured interviews, questionnaires and photographic records. In this one, we realize that Miguel Velho's women get involved in different literacy events outside of school and use their skills and world knowledge. They are active, independent, warlike women, who despite the label of "illiterate", lead their lives with skill and wisdom.*

Keywords: *Literacy; Women; EJA; Miguel Velho.*

1 Coordenadora Pedagógica da Rede Estadual de Ensino e professora da Rede Municipal.

2 Professora pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Letramento, Identidades e Formação de Educadores.

Introdução

A intenção deste trabalho é possibilitar ao professor e demais profissionais da área da educação, uma visão mais abrangente sobre o letramento, pautada nas ações que fazem uso da leitura e da escrita, como agentes facilitadores de práticas sociais dentro e fora do ambiente escolar.

A escolha do tema e do objeto de estudo está intimamente ligada com a minha trajetória de vida pessoal e profissional. Embora não tenha morado na Comunidade do Miguel Velho, nem tão pouco estudado em classes de Educação de Jovens e Adultos, as convenções de gênero estiveram fortemente presentes na minha vida, e certamente a experiência de vida do meu lugar de mulher negra tenha muito em comum com as vivenciadas pelas colaboradoras desta pesquisa.

O trabalho como professora, nas séries iniciais, me permitiu vivenciar os entraves no ensino da leitura e da escrita nas salas de aulas, de escolas públicas. Por isso, a primeira razão que justificou essa pesquisa foi à carência de um aprofundamento nos estudos sobre letramentos com mulheres estudantes nos seus cotidianos. Da preocupação com o futuro destas que são submetidas a uma quadrupla exclusão social, a primeira, por serem mulheres, a segunda por serem negras e a terceira por serem “analfabetas”, ou seja, não dominarem habilidades básicas de leitura e escrita e, finalmente, por serem pobres. Logo, as questões raciais, de classe e de gênero estão imbrincadas no decorrer do trabalho e também como motivação para a pesquisa.

O outro interesse perpassa pela investigação de como se processa a inserção das mulheres da EJA, na escola da rede pública, localizada na comunidade do Miguel Velho, em práticas sociais de letramento, e como esta descoberta poderia contribuir para o processo de letramento formal destas estudantes. Investigar as práticas de letramento das mulheres fora da escola e a concepção de letramento da Instituição poderia auxiliar a ampliar a percepção de mundo e principalmente a condição de enfrentamento, transformação, defesa de seus direitos e condições de vida das mulheres, e ainda poderia fundamentar estratégias pedagógicas dos docentes que trabalham com estas estudantes.

As pesquisas precisam valorizar outras agências sociais como a família, a igreja, a rua e o local de trabalho, pois estes também são responsáveis pelo desenvolvimento dos letramentos, porém de maneira diferenciada da escola, cujo objetivo é o ensino sistematizado do conhecimento científico produzido pelo homem. Partindo deste princípio: Quais letramentos as mulheres estudantes da Comunidade do Miguel Velho têm no seu cotidiano? Como se dá o processo de inserção dessas estudantes em práticas e eventos de letramento, na escola e na comunidade? São indagações que estão presentes neste trabalho. Assim, nos interessa explicitar os letramentos cotidianos das mulheres estudantes da EJA, sob a ótica de seus ambientes sociais de pertencimento na Comunidade de Miguel Velho, no município de Alagoinhas-BA. Portanto, nos limites deste trabalho, abordamos estudos de letramentos na Educação de Jovens e Adultos no Brasil, os caminhos metodológicos utilizados e buscamos nos centrar no mais importante, que são os saberes diários das mulheres da Comunidade do Miguel Velho.

Letramentos na EJA

Os estudos sobre letramento tiveram uma estreita ligação com críticas aos baixos resultados de campanhas de alfabetização de adultos empreendidas em 36 países pobres, sobretudo no Brasil nas décadas de 1960 e 1970, por um lado e, por outro, o desenvolvimento de estudos acadêmicos sobre os impactos psicossociais do letramento (DI PIERRO; GRACIANO, 2003).

Estar envolvido em práticas de letramento significa que o sujeito está envolto em práticas sociais, nas quais são levados em consideração os aspectos sociais, políticos, econômicos, culturais e também a história de vida do sujeito, ou seja, aspectos que constituem a formação desse sujeito (STREET, 2003).

A prática dos letramentos, na perspectiva de uma teoria social, representa um conjunto de práticas sociais capazes de serem realizadas pela forma de falar, ouvir, ler, escrever, agir, interagir, acreditar, valorizar e sentir que se tornam visíveis pelos Discursos, com D maiúsculo e no plural (GEE, 1999).

No Brasil da década de 1980, o educador Paulo Freire já pensava em um jeito novo de alfabetizar, um “letramento” com emancipação política, embora não tenha mencionado o termo em suas obras. Já a autora Mary Kato (2009) citava o termo letramento, mas dentro de uma perspectiva autônoma. Na época, as pesquisas e discussões sobre letramento se mostravam presas ao conceito de alfabetização, o que proporcionou uma má interpretação e inapropriada utilização dos dois conceitos com o mesmo propósito por muitos alfabetizadores, ou a prevalência do letramento, o que permitiu uma desvalorização da alfabetização.

A divergência entre a função do letramento e alfabetização promoveu uma visão limitada do termo letramento, o que acabou contribuindo para o surgimento de pensadores interessados em desenvolver estudos sobre leitura e escrita sob uma perspectiva vinculada ao processo sociológico e sociocultural. Essa perspectiva de estudos do letramento concebe a leitura e a escrita como práticas diversificadas para contextos e objetivos específicos. Sendo assim, não se permite, a partir de então, falar em um único tipo de letramento, mas sim em “letramentos”, ou, ainda, letramentos múltiplos.

É importante acreditar, a partir dessa nova visão, que o letramento pode ser tomado como um ponto de diferenciação entre indivíduos se for considerado a partir de pontos de vista tradicionais, ou seja, quando é visto como uma habilidade cognitiva individual que pode ser aprendida de forma isolada e neutra. É nesse sentido que, a partir de metodologias do letramento tradicional, o adulto não alfabetizado é levado à discriminação, ou seja, há na cultura escolar, a crença na capacidade daqueles mais novos (crianças, jovens) em oposição ao crescimento ou aprendizagem do adulto.

Sem dúvidas, os estudos recentes sobre letramento trouxeram valiosas contribuições e impulsionaram pesquisas sérias e relevantes acerca da educação dos excluídos por sua condição social. Entende-se também que essas informações são úteis para que a sociedade, sobretudo, educadores, possam analisar e debater com mais fundamento o real significado social da alfabetização de Jovens e Adultos e entender que as práticas e eventos de letramento, nos quais estão inseridos estas pessoas, são significativas para o seu processo de alfabetização e perceber o quanto estão intrincados os processos de alfabetização e letramento para a apropriação do sistema de escrita alfabética pelos estudantes da EJA.

Assim, a postura que o educador deve assumir diante dos novos ensinamentos sobre letramento é a de reflexão sobre aquilo que um campo teórico pode oferecer ao outro e para que, assim, se reflita em ganhos epistemológicos e de prática pedagógica para a compreensão e ensino dos múltiplos letramentos.

TRAÇANDO O PERCURSO METODOLÓGICO EM DOIS CAMINHOS

A pesquisa do tipo Estado da Arte

O pouco conhecimento acerca do universo de estudos e pesquisas envolvendo a temática “letramentos com mulheres” e a necessidade de aprimorar o projeto de pesquisa foram os motivos que fizeram com que fosse utilizada a pesquisa do tipo Estado da Arte. A partir da pesquisa realizada no Portal do Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiço-

-mento de Pessoal de Nível Superior- CAPES, esperava-se que, como, pesquisadora, tivesse um domínio sobre a repercussão do tema letramentos de mulheres e assim, como enfatiza Ferreira, estaria eu sustentada e movida “pelo desafio de conhecer o já construído e produzido para depois buscar o que ainda não foi feito” (FERREIRA, 2002, p. 258). Portanto, a pesquisa no portal da CAPES, colaborou para levantar dissertações e teses que tratavam de temáticas semelhantes, bem como os autores, as metodologias e os periódicos mais utilizados por estes pesquisadores. A pesquisa do tipo estado da arte ajudou na escolha de instrumentos de coleta de dados para o projeto, tais como: observação participante, entrevistas semiestruturadas, notas em diário de campo, aplicação de questionários, e registros fotográficos.

E, finalmente, o estado da arte contribuiu para a inclusão de questões sobre gênero e raça como parte imprescindível de discussões no trabalho, pois essa abordagem não foi encontrada em nenhuma dos catorze trabalhos selecionados no portal pesquisado. Com essa constatação, resolvemos que era imprescindível introduzir na fundamentação do trabalho autoras brasileiras e negras que tratam as questões de gênero e raça e não foram mencionadas nas dissertações sobre a temática pesquisada, foram elas: Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez, Maria Aparecida Silva Bento, Ana Lúcia Silva Souza, Maria Rufino e Luiza Bairros.

Desvelando significados através dos dados coletados

Na pesquisa etnográfica, não nos limitamos na descrição de situações, dos ambientes, das pessoas ou reprodução de suas falas e de seus depoimentos (ANDRE, 2012), é necessário ter em mente que o “(...) investigador precisa, pois, ultrapassar seus métodos e valores, admitindo outras logicas de entender, conceber e recriar o mundo” (ANDRÉ, 2012: 45). Portanto, foi imprescindível considerar diferentes realidades sociais, numa perspectiva histórica, cultural, levando em conta situações vivenciadas e atitudes cotidianas das mulheres interlocutoras. Estes elementos nos proporcionaram uma aproximação mais precisa do objeto em estudo e, conseqüentemente, uma análise mais ajustada dos dados coletados.

A entrevista semiestruturada foi realizada com quatro mulheres, que estudavam há mais de cinco anos na Escola Municipal José Honorato, localizada na Comunidade do Miguel Velho, no município de Alagoinhas-BA, na qual são desenvolvidas atividades com jovens, adultos e crianças. As colaboradoras identificadas pelos pseudônimos de Cris, Mar, Rosa e Pérola (entre 36 e 50 anos), foram escolhidas com antecedência, por serem as mais velhas de uma turma com 14 mulheres, com mais de cinco anos na escola e sem progressos na leitura e escrita.

Sobre a pesquisa etnográfica, ressalta

[...] a pesquisa de caráter etnográfico não sugere que as pessoas sejam simplesmente deixadas como estejam, com base no argumento relativista de que um tipo de letramento é tão bom quanto o outro. Mas também não sugere que as pessoas simplesmente devem “receber” o tipo de letramento formal e acadêmico conhecido pelos responsáveis pela determinação de políticas e que, de fato, muitas delas já terão rejeitado (STREET, 2003, p.10-11).

A autora Alves-Mazzotti (2001) ressalta que as pesquisas de inspiração etnográfica oferecem um volume expressivo de informações, que precisam ser compreendidos na sua integralidade. Isso só pode ser feito por meio de um processo contínuo onde há compreensão das categorias, suas dimensões, significados e relações. Por ser um tipo de pesquisa muito específica, o trabalho na única escola da comunidade assumiu a forma de um estudo de caso (GIL, 2012).

MULHERES DA EJA E SEUS LETRAMENTOS

O campo de pesquisa

Para a escolha da instituição, estabelecemos como critério que ela apresentasse características de investimento na construção e implementação da Educação de Jovens e Adultos, buscando contemplar a especificidade desta modalidade de ensino.

A maioria das pessoas que estudam na turma da EJA da Escola Municipal José Honorato – EMJH – são mulheres, negras, de classe popular e sem muitos progressos na leitura. O perfil étnico-racial e econômico das estudantes e as dificuldades de alfabetização não são uma exceção nas turmas de Educação de Jovens e Adultos. Uma sala de aula como a da alfabetizadora da EMJH, funciona como um raio-X das desigualdades sociais da Rede Pública de ensino de todo o país, refletindo fatores históricos que impedem uma educação de qualidade para o adulto em sala de aula, e tem uma próxima relação com questões de gênero, de raça e de situação econômica.

Mulheres da EJA e seus letramentos

Entre as centenas de moradoras da comunidade, as mulheres desta pesquisa, foram selecionadas por possuírem características em comum: são mulheres nascidas na década de 1970, são mães e estão nas turmas da Educação de Jovens e Adultos há mais de quatro anos, sem avanços satisfatórios na leitura e na escrita. Estas estudantes, nascidas no século XX, foram privadas de muitas coisas, a oportunidade de estudar no tempo certo foi apenas uma delas.

As experiências das mulheres estudantes com a escolaridade se entrelaçam com a labuta diária nos seus lares e fora deles. Rotina esta, que não é diferente da labuta das mulheres negras moradoras do Miguel Velho e recém-libertas das senzalas no final no século XIX. As mulheres de hoje dão continuidade sim, a geração de mulheres negras, mas que acreditam ter oportunidades que as suas ancestrais não tiveram a chance de ter, como a de estudar, de aprender a ler e escrever, mesmo sendo essa oportunidade adquirida já na fase adulta.

Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas como vendedoras, quituteiras, prostitutas etc.; mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! (CARNEIRO, 2001, p.11).

Atualmente, as mulheres estudantes, consideradas para esta pesquisa, fazem todo o trabalho doméstico e quando acham serviço, costumam trabalhar fora como diarista, empregada doméstica, cuidadora de idosos ou babá. A mulher negra está numa situação de maior precariedade no mercado de trabalho brasileiro, porque é excluída dos empregos que tem como critério uma maior escolaridade e a dita “boa aparência”. O fato de ser negra já seria impeditivo, em algumas situações de trabalho, em que o padrão de “boa aparência” é eurocêntrico. Portanto, este requisito da “boa aparência” também leva a um mecanismo de autoexclusão (BENTO, 2000).

Mar é uma mulher de apenas 43 anos, com quatro filhos e já com duas netinhas. Estuda na Escola Municipal José Honorato há mais de quatro anos. Fomos testemunhas da dificuldade da estudante para ler, pois sabia as letras e as reconhecia, mas não conseguia ler as sílabas ou palavras mostradas no livro didático pela professora o que criava na estudante uma aversão à leitura. Foram quatro anos na mesma turma tentando compreender o ato de ler e escrever.

Pérola é a mais participativa das mulheres, sempre sorridente, relata ter nascido em Salvador, mas viveu a sua vida toda no Miguel Velho, pois se mudou ainda bebê, devido a sua avó morar na comunidade.

Durante a infância, teve seus estudos interrompidos devido à necessidade de ajudar a avó, nos afazeres diários. É casada, tem 39 anos, dois filhos que também estudam com ela na mesma classe da EJA. Ela não tem emprego fixo, trabalha como diarista em três residências da “rua”, nome que ela se refere quando quer dizer centro da cidade.

Rosa é a mais vaidosa das quatro mulheres estudantes, sempre com cabelo arrumado, brincos e batom, relata ter nascido na Comunidade do Miguel Velho, é casada com o seu primeiro namorado, 41 anos de idade, é mãe de três filhos. Apesar de nunca ter estudado, Rosa é famosa pela mão boa para a cozinha, talvez por isso, trabalhe como doméstica há 17 anos numa residência também no centro da cidade. Ela relata receber um salário mínimo pelo emprego.

Cris é a mais velha da turma, tem 46 anos, nasceu também na comunidade, aparência sofrida e triste, é mãe de três filhas. Ela relata ter tido quatro “barrigas”, uma delas de gêmeos, mas sofreu muito com a violência do marido e por isso perdeu os gêmeos. Vive com suas três filhas solteiras. Cris não se lembra de ter estudado quando criança. Ao ser questionada sobre a data de nascimento, Cris diz não saber, assim como a sua idade. Trabalha na “rua”, há dezesseis (16 anos), e recebe R\$400,00 por mês como doméstica em casa de família. Agradece por ter conseguido esse emprego, pois antes chegou a receber R\$10,00 por dia de trabalho.

As mulheres estudantes da comunidade passam por uma vida dura e, por mais difícil que seja a sua rotina, elas veem na escola ainda uma saída para aprender coisas novas e crescer, mas também, elas utilizam o espaço escolar para desabafar, para se “livrar” do marido violento: “aquele traste”, e da labuta diária, ou simplesmente para sentir-se viva. As falas confirmam: “Eu gosto mesmo de estudar!” “Só não venho pra escola quando estou cansada.” “Eu gosto da escola”. “O que eu posso dizer? gosto de vir à escola, pelo menos me distraio.” “Eu vou fazer o que em casa? Eu gosto de estar na escola”.

Apesar da rotina similar às das suas ancestrais negras, mulheres interlocutoras da pesquisa não se identificam como negras. Ao serem questionadas sobre a sua cor, origem racial ou etnia, apenas uma, das quatro mulheres, se identificou como da cor preta, justificando a cor da pele bem mais escura. As outras mulheres, por terem a pele um pouco mais clara, declararam-se “morenas”.

Não é difícil de entender o porquê dessa declaração, muitas relatam experiências de pelo menos uma história envolvendo violência com a polícia, um sobrinho, um vizinho, cunhado. Para elas, identificarem-se com negras é também ocupar e aceitar um lugar de marginalidade, é aceitar serem subalternas, é aceitar serem mães de suspeito de um crime, para essas mulheres as pessoas negras sempre serão submissas, marginalizadas. Sobre esta condição, é interessante recorrer a Lélia Gonzalez (1982) para a reflexão sobre a condição da mulher negra. Ela aponta para a tripla discriminação: de raça, de classe e de sexo. Discriminação esta que, muitas vezes, foi internalizada de tal modo que o sujeito não se apercebe que, no próprio discurso, estão presentes “mecanismos da ideologia do branqueamento e do mito da democracia racial” (GONZÁLEZ 1982, p. 100).

Todo esse contexto favorece a negação e, segundo Nogueira (2006), o desejo de não ser rejeitado, pois:

“Ser branco” tanto quanto “ser negro”, para além da tonalidade que reveste o corpo dos seres humanos, representam “valores”, significados. Para além do branco está a brancura, e tudo quanto essa condição de branco “simbolicamente” representa para o negro (NOGUEIRA, 2006, p.116).

Sabe-se que o processo de formação de identidade é complexo e envolve um conjunto de referenciais entre eles, um processo de valorização da cultura negra e construção de uma identidade positiva entre os afro-brasileiros.

CASA, TRABALHO E IGREJA: CAMINHOS DE PÉROLA PARA CONQUISTA DE LETRAMENTOS

Pérola consegue sustento fazendo faxinas e outras atividades domésticas solicitadas. Mas, o que chama atenção no caso de Pérola é a falta de oportunidades e as desigualdades enfrentadas por ela na infância e juventude e que são as mesmas encaradas pelos filhos e a nora. Os rapazes e a moça estão em distorção em relação à idade e série e frequentam a mesma turma de Educação de Jovens e Adultos da única escola na localidade.

Não há dúvidas, que a condição da família da estudante Pérola indica que o racismo é estruturante das desigualdades a que está submetida o povo negro no nosso país, pois, incide sobre ela e determina as condições sociais por várias gerações. Como componente de estratificação social, o racismo se efetivou na cultura, no comportamento e nos valores das pessoas e nas organizações da sociedade brasileira, perpetuando uma estrutura desigual de oportunidades para populações negras (PASSOS, 2010).

Infelizmente o percurso dos estudantes negros pelo sistema público de ensino está marcado por uma trágica repetição de histórias de insucesso. Em entrevista à Agência Brasil no ano 2016, a presidente executiva do movimento relatou que as desigualdades sociais sofridas pela população negra na educação são resultado de uma educação de baixa qualidade que não é capaz de fazer com que os estudantes superem as diferenças sociais.

Os filhos de Pérola são atingidos de maneiras diversas pelo caráter das desigualdades de classe, raça do nosso sistema de ensino, o preconceito racial está expresso, por exemplo, na presença de mãe e filhos na mesma sala da Educação de Jovens e Adultos. Essa triste constatação não é um dado novo, na década de 1990, Queiroz pesquisou e analisou resultados que não são diferentes dos que testemunhamos agora: estão entre os negros as maiores proporções de pessoas não alfabetizadas e a participação dos negros no sistema educacional vai diminuindo à medida que aumentam os anos de escolaridade (QUEIROZ, 1999).

Apesar das dificuldades enfrentadas por essa população, famílias inteiras, vítimas destas desigualdades estão na sala da EJA e as mulheres são as maiores incentivadoras dos filhos e responsáveis por a sua permanência na escola.

As desvantagens educacionais acumuladas fazem com que muitos jovens e adultos negros procurem a EJA para concluir a escolarização básica. Contudo, nós, mulheres, não fomos nunca totalmente desempoderadas. Sempre tentamos, de uma maneira ou de outra, “expandir nosso espaço”, mesmo quando as ideologias patriarcais conseguiram minar essas tentativas. (SARDENBERG, 2006, p. 6)

Pérola foi a única das mulheres pesquisadas que, durante a entrevista, olhou para as colegas em sua volta, e depois para as suas mãos, braços e disse: “Eu sou preta, pró. Todo mundo vê isso!”, justificando e assumindo a negritude, mas devido a sua pele escura do que por questões de identidade. A afirmação nos remete aos estudos de Nogueira (2006) sobre as relações raciais no Brasil, em que o preconceito é exercido basicamente em relação à aparência, isto é, quando toma por pretexto para as suas manifestações os traços físicos da pessoa, a fisionomia, os gestos, o sotaque; diz-se que é o preconceito de marca.

Assim, dizendo não se incomodar com questões referentes ao racismo e identidade negra, a estudante conduz a sua rotina diária “sustentando” e cuidando da sua família, composta pelo marido e pelos dois filhos homens, um dos filhos com 16 anos e o outro 21 anos de idade. Ainda há a presença da nora, de 20 anos, que convive com a família. Pérola não precisou de conselhos de psicólogos ou de fazer leituras sobre a sociedade machista e o feminismo para criar os filhos de uma forma distinta da maioria das mulheres que se dizem “instruídas” e pós-modernas.

A forma de criar os filhos e lidar com a rotina doméstica da família mostra que a condição de “coitadinha” e de “mulher submissa”, não está presente na vida familiar de Pérola.

Lá em casa, cada um tem o seu dia de lavar os pratos. Nós temos uma escala dos pratos e outra do almoço. Hoje foi o dia de Alisson lavar os pratos, o Anderson fez o feijão. Sabia que ele cozinha bem? Fez um feijão gostoso! Para construir a escala, nós olhamos na folhinha e dividimos cada dia do mês, ninguém erra, todo mundo sabe o dia de sua obrigação. Não tem cabimento eu fazer tudo sozinha. Prefiro quando eles cozinha, a comida sai mais gostosa (PÉROLA, 2018).

Pérola dribla o estereótipo de iletrada dando uma aula de como criar seus filhos num regime de colaboração mútua e respeito e ajudando a construir uma sociedade mais justa e menos violenta. Especialmente no que diz respeito à educação dos seus filhos para que se apropriem do espaço doméstico, que também é responsabilidade deles. Sem querer, Pérola mostra novas possibilidades de ser homem, que não estejam vinculadas ao controle, uso do poder e agressividade.

O ambiente social onde a estudante mais tem acesso na comunidade são os cultos da sua igreja, prática esta vivenciada pela maioria das mulheres da comunidade. Esse costume pode ser justificado pelo grande número de igrejas na localidade. A comunidade do Miguel Velho abriga igrejas da religião católica, evangélicas e terreiros da religião Matriz Africana. As diferentes religiões convivem harmonicamente em espaços bem próximos e o respeito com a religião do outro é considerado muito verdadeiro entre os moradores. “A gente respeita a religião dos outros. Nem quando tá fazendo muita zoadada e incomodando, em dias de culto dos crentes e dos batuques do terreiro, ninguém fala nada de ninguém”, diz Pérola.



Figura 1. Igreja Universal e Capela da Igreja católica de São José são vizinhas
Fonte: Bahia; Barbosa (2018)

A igreja cristã, a qual Pérola faz parte como membro, possibilita a oportunidade da estudante participar do “Coral das Senhoras” e consequentemente de um evento de letramento. Partindo dessa premissa, os Novos Estudos de Letramento propõem, além de estudos situados da sala de aula, estudos de outros contextos, os quais podem contribuir para ler as práticas de letramento escolarizadas (BAYNHAM, 2004). Assim, apesar de Pérola não conhecer todo o alfabeto e confundir muitas das letras durante as aulas na escola, na igreja Cristã, a qual Pérola é membro, ela participa de eventos em torno de textos escritos:

Eu faço parte do Coral das Senhoras, pró! É da minha igreja. Nós ensaiamos toda a semana para os cultos no Domingo, nos casamentos e festas da igreja. Agente tem um folheto, de algumas páginas, com cânticos. A gente escolhe os louvores para o culto e ensaia toda a semana (PÉROLA, 2018).

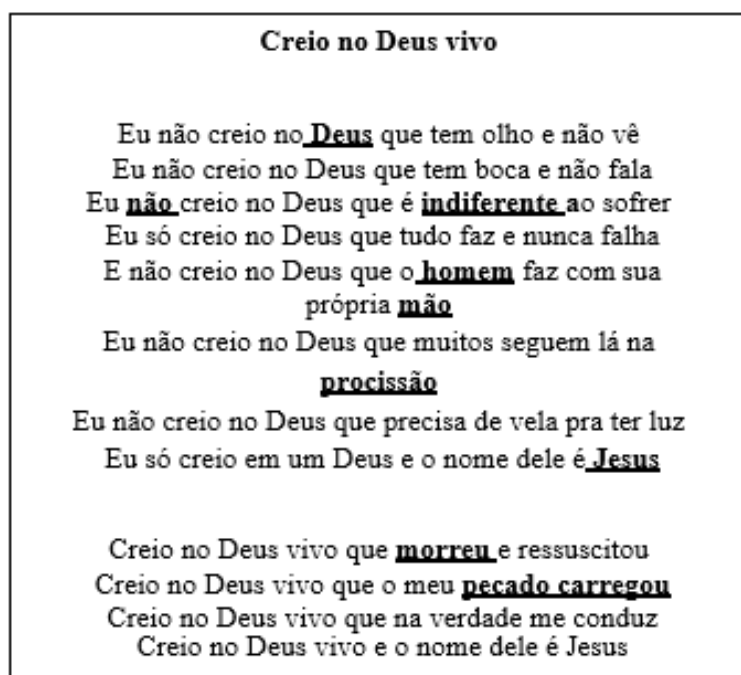
Diante da revelação de Pérola, questioneei: Explica pra mim como acontecem os seus ensaios. Como você acompanha as letras dos louvores?

Nós somos oito senhoras, quando não estou trabalhando na faxina, ensaio nas quartas. Já sei todos os louvores de cor, quando tem um louvor novo as meninas que sabem ler ajudam e faz leitura do louvor primeiro e agente acompanha, eu tenho a memória boa, pro! Na hora do culto temos que levar o livro com os cantos na mão. Todo o coral tem, né! (PÉROLA, 2018).

Essa é uma evidência de que Pérola, como outras mulheres da comunidade, aprendem muito nos eventos de letramentos ocorridos nos ensaios e nos cultos das igrejas que frequentam. A experiência de Pérola é semelhante a do estudo de Poveda, Cano; Palomares-Valera (2005), sobre o letramento em eventos religiosos em uma comunidade de ciganos, a qual ele comprovou que a comunidade cigana, que até então era vista como uma comunidade de tradição oral, também tinha práticas em torno do texto escrito.

De acordo com o relato da estudante, ela garante a sua participação no Coral das Senhoras quando ouve e decora os louvores e observa com atenção a leitura das companheiras quando estas leem louvores desconhecidos. Pérola utiliza estratégias outras de leitura para fazer parte do coral.

A partir do relato da estudante resolvemos fazer uma experiência em sala de aula com o texto escrito de um dos louvores cantados grupo de senhoras do Coral: Creio no Deus Vivo:



Quadro 1. Canção “Creio no Deus vivo”
 Fonte: Folheto da Igreja Universal do Reino de Deus

Fazendo uma pequena análise do texto, podemos perceber que o louvor possui palavras monossílabas e preposições que até podem facilitar a leitura. No entanto, contém palavras mais complexas, principalmente para quem não está alfabetizada, como as palavras: RESSUCITOU, PROCISSÃO, INDIFERENTE e outras. Pesquisas, como a de Tusting (2000), foram decisivas para a compreensão do evento de letramento religioso que ocorre nos ensaios do Coral de Senhoras da igreja de Pérola. Assim como o pesquisador, entendemos que o letramento em eventos sincronizados tem como objetivo social a manutenção da identidade comunitária tanto na localidade, conciliado as ações da igreja, como externa a comunidade, através da propagação do letramento.

Assim, foi utilizado o referido louvor. Na sala de aula, fizemos uma experiência com Pérola mostrando a letra de um dos louvores que ela costuma cantar no Coral das Senhoras: “Creio no Deus Vivo”. Solicitei que a estudante lesse algumas palavras que aponte com o dedo de forma aleatória. Das 10 (dez) palavras selecionadas para a leitura de Pérola, ela errou apenas uma, a palavra “PROCISSÃO”. Logo após, fizemos uma atividade chamada “Bingo Ortográfico”, em que as estudantes deveriam escrever as mesmas palavras ditadas pela professora. Apesar das dificuldades no reconhecimento das letras do alfabeto, as palavras DEUS e JESUS ditadas foram escritas corretamente e da mesma forma estas palavras foram reconhecidas pela estudante em outros tipos de textos mostrados pela pesquisadora.

Portanto, os eventos de letramento vivenciados nos ensaios do Coral das Senhoras e nos cultos da Igreja de Pérola podem ser definidos como práticas de letramento, uma vez que são eventos constantes na comunidade do Miguel Velho e cooperam para o levantamento de padrões culturais de uso da leitura e escrita (BARTON, 1994).

O que nos faz refletir que, as mulheres participam das práticas da Igreja, porque ali se sentem acolhidas, parte de um grupo. A participação e a obediência aos valores expressos nas várias casas, templos ou igrejas da comunidade, assim como os eventos ao redor dos textos escritos da Bíblia, dos folhetos da missa, dos cânticos de louvor e outros colocam essas mulheres próximas de uma linguagem escrita valorizada e hegemônica na escola e fora dela. Sobre esse processo, a escritora autora de Letramentos de reexistência poesia, grafite, música: HIP HOP, Ana Lúcia Silva Souza, ressalta que:

para ser leitor, dentro de um processo em que a palavra escrita é européia e responde às teorias racistas vigentes, é preciso embranquecer. As leituras de negros e mestiços, marcadamente influenciadas pela tradição oral desvalorizada, juntamente com seu corpo de descendência africana, não têm lugar, valor algum se comparadas aos valores da leitura e da escrita ensinados na escola, ou fora dela (SOUZA, 2011, p.40).

A rotina de Pérola demonstra uma riqueza de letramentos diversos que transitam entre o espaço familiar da estudante, onde ela consegue organizar com equilíbrio e sabedoria; entre o seu espaço de trabalho de diarista, onde a estudante equilibra-se em diversas atividades domésticas em residências diferentes na semana e finalmente no seu espaço religioso, principalmente através da sua participação no *Coral das Senhoras* e nos cultos festivos.

AS PRÁTICAS LETRADAS NO EMPODERAMENTO DE UMA MULHER DA PERIFERIA

Apesar das dificuldades demonstradas na sala de aula na escrita e leitura, Mar era a quem aparentava estar mais ligada às tecnologias e atualizada, em relação às outras mulheres. Ela ainda é a única, entre as quatro pesquisadas, que tem um smartphone com aplicativo *WhatsApp*, que usa para se comunicar com os filhos, com a professora e amigos. Atualmente está desempregada, mas, segundo a estudante, já trabalhou como babá, diarista, cordeira de bloco na Micareta de Alagoinhas, lavadeira, cuidadora de idosos e outros serviços que não se lembra.



Figura 2. Pesquisadora em conversa com Marlene (Aluna)
 Fonte: Arquivo de dispositivos móveis (2018)

Nessa postagem, de novembro de 2018, Mar mostra o domínio com o uso da tecnologia digital, e surpreende com o domínio na escrita e leitura o que é facilmente comprovado na análise do diálogo com a professora. A escrita das palavras dentro do padrão da norma culta surpreende a professora que revela:

Ela foge de atividades de leitura e escrita na sala. Tem verdadeiro pavor desse momento, é uma tortura pra ela. Quando ela vai ler um trecho do livro didático fica insegura e acaba lendo com dificuldades. Mas qualquer assunto que explique voltado para questões atuais ela é muito participativa. Este ano trabalhamos com as eleições e corrupção nas aulas de História. Ela é muito politizada e mostrou-se conhecedora dos seus direitos como cidadã, moradora do bairro durante as aulas (PROFESSORA DA TURMA, OUTUBRO, 2018).

Apesar de a estudante ser tão desembaraçada na vida, o desenvolvimento dentro dos padrões exigidos na escola foi acontecendo muito lentamente e com muitas dificuldades. Comprovamos essa afirmação pelo número de anos que a estudante passou na mesma série e por ficar quatro anos na turma, sem avanço, pois não conseguia ser “alfabetizada” dentro dos padrões da escola. Ela narra que não conseguia ler nada nos textos que a professora lhe dava pra ler e que, muitas vezes, não ia pra escola quando sabia com antecedência que era “aula de leitura”.

Finalmente, no ano de 2018, a estudante conseguiu a aprovação, pois, segundo a professora, ela já conseguia ler palavras simples e poderia avançar. Para muitos da sua turma a aprovação seria uma grande alegria, mas a estudante não recebeu a notícia com tanto entusiasmo. Segundo Mar, ela ainda se acha despreparada para estudar no centro da cidade, em uma turma do Fundamental II, sente-se insegura e não acha que aprendeu a ler e escrever.

Após a professora ter lhe aprovado e dito que, agora, ela poderia seguir para estudar o 6º do Ensino Fundamental no comércio, recebeu uma postagem da estudante solicitando a indicação de um colégio para estudar:



Figura 3. Pesquisadora em conversa com Marlene (Aluna)
Fonte: Arquivo de dispositivos móveis (2018)

Na postagem, a estudante coloca um *emoji* representando uma carinha triste, e a professora pergunta o porquê daquela imagem, quando ela responde: “A senhora me tirou daí. Favor o nome do colégio, por favor”.

Percebe-se, através da postagem da estudante, um domínio da escrita no aplicativo *WhatsApp* e que a insegurança mostrada em sala não é a mesma apresentada nas palavras escritas na postagem. Mar escreve todas as palavras corretamente usando a norma culta com acentuação correta, concordância de gênero. A habilidade da estudante demonstrada no aplicativo não é percebida nas aulas. Mas, por que ela ainda sente-se insegura quanto ao seu conhecimento escolar? Por que ela ficou tantos anos na mesma série? Infelizmente, ainda há discursos já cristalizados em que as práticas validadas sociais de uso da língua são apenas as ensinadas e aprendidas na escola formal (SOUZA, 2011). Foi exatamente esse pensamento que justificou a permanência por tantos anos na mesma série e que a deixou com autoestima baixa.

Além da habilidade de escrever e ler no celular, ela aprende a tática de ler produtos pelos rótulos, além de não ter dificuldade em identificar os preços, pegar o ônibus coletivo para o seu novo trabalho, que arranhou no final de 2018. Essa aprendizagem acontece muito rapidamente devido à necessidade de frequentar feiras e mercados, casas lotéricas e bancos para sacar o benefício do Bolsa Família, como uma atividade rotineira. Os eventos e práticas de letramento, vivenciados pela estudante, revelam seu modo de interagir com as práticas cotidianas da leitura e escrita, e faz- nos perceber, como a vida de Mar está impregnada com palavras, textos orais e escritos que circulam no seu cotidiano. É nesse ambiente da recepção e da apropriação do texto que ela se insinua como leitora, que interpreta concepções, pensamentos, gostos, disposições, discursos e práticas; a partir do convívio, a pessoa vai adquirindo táticas que lhe permitem se inserir nos letramentos sociais.

Assim nos explica Vóvio

Os letramentos são vistos como conjuntos de práticas, como formas de usar a linguagem e dar sentido tanto à fala como à escrita. Essas práticas discursivas estão integralmente conectadas com as identidades e a consciência de si das pessoas que as praticam; uma mudança nas práticas discursivas resulta em mudanças de identidade, já que colocam esses sujeitos em novas posições e formas de interação (VÓVIO, 2007, p.87)

Diferente das outras colegas da turma da EJA, Mar não costuma frequentar nenhuma igreja: “Não gosto de ir na igreja daqui, o povo fica olhando a roupa da gente”, revela a estudante.

Mar, mulher considerada analfabeta, iletrada e mesmo com os seus quatro anos estudando na mesma série, conseguiu divulgar o trabalho do grupo de dança dos seus filhos para apresentações em Alagoinhas e em municípios vizinhos e ainda obteve patrocínio para o uniforme e uma caixa de som, para os ensaios do grupo, por intermédio de um candidato a vereador do bairro: *“Eu disse a ele que se ele conseguisse a caixa nós ajudávamos ele a ganhar a eleição”*. Tudo isso a estudante “analfabeta” conquistava com muito diálogo e o argumento correto. O que pensar da rotina de Mar? Dos seus letramentos?

Talvez, Pahl; Rowsell (2005) possam ajudar a entender quando afirmam que há:

[...] uma grande lacuna entre os modos pelos quais estamos ensinando a leitura e a escrita na escola e o sofisticado conjunto de práticas que os estudantes usam fora da escola. Tratando a linguagem como uma mera habilidade, o currículo escolar aborda, de forma restrita, apenas uma fração mínima de habilidades que os aprendizes necessitam para fazer sentido no mundo atual (...). Inegavelmente, o uso da linguagem está vinculado a práticas mais amplas (PAHL; ROWSELL, 2005, p.03).

No caso da estudante da Educação de Jovens e Adultos pesquisada, as práticas mais amplas de leitura e escrita seriam, entre muitas: escrever e ler no aplicativo do seu celular, listar pendências do grupo de dança dos filhos, organizar um calendário de apresentação dos grupos no seu caderno, organizar o orçamento de casa dentro do mês. Mas, na sala de aula, Mar estaria apenas entrando em contato com a decodificação e codificação, sem levar em conta seus contextos de usos, o que termina por desvirtuar a complexa natureza da leitura e da escrita (PAHL; ROWSEL, 2005).

Percebe-se a partir deste relato que, embora o letramento escolar, vivenciado na classe da Mar, não tenha tornado essa estudante apta a participar das diversas práticas sociais da leitura e da escrita, não impossibilita o acesso e o uso, embora restrito, do código escrito no seu cotidiano, em diferentes espaços e circunstâncias, seja mediante a leitura das embalagens dos produtos, receitas de remédios e documentos, escrever e ler no celular.

Nos diversos espaços por onde circula, no posto médico do bairro ou no banco, no trabalho, na feira, no supermercado, faz uso das práticas de letramento.

TRABALHO, ALEGRIA E AUTOESTIMA ELEVADA FAZEM PARTE DA ROTINA DE ROSA



Figura 4. Confraternização na pizzeria
Fonte: Bahia; Barbosa (2018)

Rosa se diz muito vaidosa e admitiu isso: “Gosto de cuidar de mim, dei parte do meu salário no meu alongamento, pró”. Disse rindo.

E o dinheiro para os custos da casa, Rosa?

Oxe! Meu dinheiro é pra ajudar meu filho menor e minha filha e pra cuidar de mim. O meu marido cuida da comida e outras coisas que precisar com o que ele ganha. Eu trabalho há 17 anos em casa de família, e ganho um salário mínimo, graças à Deus! e com carteira assinada, o tempo de trabalho é a mesma idade da minha filha mais velha (ROSA, 2018)

Rosa participou de uma confraternização de final de ano em uma pizzaria da cidade. Ela e todos os estudantes da turma participavam de um momento de descontração. A professora informou os sabores das pizzas disponíveis e fez o pedido, além de pedir refrigerantes ao garçom, em nome da turma. Foi observado que, num determinado momento, Rosa decidiu tomar suco, ao invés de refrigerante, e solicitou o cardápio ao garçom.

Diante da iniciativa das mulheres, a professora se aproximou das duas e questionou: Qual o suco que vocês escolheram? De imediato, as mulheres disseram que queriam tomar suco de limão. Mais uma vez, foram questionadas sobre o espaço onde ficava reservado os sabores dos sucos, no cardápio, e as mulheres informaram apontando o espaço adequado. Tomada de surpresa, a professora solicitou que as mulheres dissessem quais os sabores existentes no cardápio. Rosa foi soletrando, com uma desenvoltura não vista em sala de aula: “A-CE-RO-LA, CA-CAU, CA-JU, MA-RA-CU-JÁ, A-BA-CA-XI, GOI-A-BA, MAN-GA, TA-MA-RIN-DO” com mais dificuldade nas palavras GRAVIOLA e CUPUAÇU, até então, para elas, palavras pouco lidas. A professora ajudou na leitura das frutas de nomes “difíceis”.

Ao serem questionadas sobre como elas sabiam onde ficavam o espaço dos sucos, Rosa e Pérola responderam, quase juntas: “pelo tamanho da palavra, suco é uma palavra pequena, pró”, “a parte de bebida fica embaixo”, “- Olha aqui: BE-BI-DAS”, informou Rosa.



Figura 5. Cardápio da Pizzaria
Fonte: Bahia; Barbosa (2018)

A situação, fora do ambiente escolar, em um momento de entrosamento entre a prática social e a situação vivenciada pelas mulheres na pizzaria, mostra a capacidade que elas têm de contextualizar os saberes e as experiências nos ambientes sociais.

Uma característica das práticas de letramento fora da escola é que elas variam segundo a situação em que se realizam as atividades de uso da língua escrita. Há uma tendência humana para contextualizar a ação, e as atividades em que se usa a escrita não fogem dessa tendência. Por isso, dizemos que as práticas de letramento são práticas situadas, o que significa que os objetivos, os modos de realizar as atividades, os recursos mobilizados pelos participantes, os materiais utilizados, serão diferentes segundo as características da situação (por exemplo, uma missa, uma festa), da atividade desenvolvida (ler o missal, mandar um convite), da instituição (religiosa, familiar) (KLEIMAN, 2005, p. 26).

As práticas de letramento fora da escola são, sobretudo, colaborativas, enquanto que as práticas de letramento nas escolas têm um “caráter individual do processo de aquisição da língua escrita” (KLEIMAN, 2005, p. 22).

O CONHECIMENTO DE MUNDO DE CRIS: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA EM SALA DE AULA



Figura 6. Cris, durante uma atividade realizada em sala, agosto 2018

Fonte: Bahia; Barbosa (2018)

A imagem acima mostra a estudante Cris fazendo uma atividade coletiva com panfletos de propaganda de uma loja da cidade que foi planejada, pela pesquisadora, para ser aplicada na sala de aula da EJA, no mês de setembro de 2018. O objetivo era perceber a compreensão que o texto informativo causava na percepção leitora das mulheres estudantes, haja vista que as mulheres convivem em ambientes de compra e venda e frequentam quase que diariamente os mercados. Inicialmente, todas as estudantes teriam que folhear o panfleto e apreciar os produtos e preços por alguns minutos.

Em seguida, elas iriam conversar entre si e responder oralmente qual o produto mais barato que elas encontraram no folheto, qual o produto mais caro, os produtos que são usados na limpeza da casa, os produtos usados na higiene pessoal, e outras questões direcionadas ao folheto de propaganda. Em seguida, elas iriam recortar o produto do panfleto, colar e escrever o nome do produto da resposta no caderno.

As respostas dadas pela turma da EJA mostraram o quanto, para os estudantes, ficava bem mais fácil entender esse tipo de texto do que os do livro didático. A maioria da turma respondeu com facilidade e com uma rapidez fora do comum.

Um evento de letramento inclui atividades que têm as características de outras atividades da vida social: envolve mais de um participante e os envolvidos têm diferentes saberes, que são mobilizados na medida adequada, no momento necessário, em prol de interesses, intenções e objetivos individuais e de metas comuns. Daí ser um evento essencialmente colaborativo (KLEIMAN, 2007, p. 23).

Uma atividade que envolve o uso da língua escrita como a dos panfletos de propaganda não se diferencia de outras atividades da vida social das estudantes: foi uma atividade coletiva e cooperativa, porque envolveu vários participantes, com diferentes saberes, que foram mobilizados segundo interesses, intenções e objetivos individuais e metas comuns e essa característica facilitou a compreensão dos estudantes. Já a prática de uso da escrita realizada dentro da escola envolve prioritariamente a demonstração da capacidade individual de realizar todos os aspectos de todas as atividades, seja: soletrar, ler em voz alta, responder a perguntas o por escrito, escrever uma redação ou um ditado e acaba dificultando a alfabetização e o letramento dos estudantes da EJA (KLEIMAN, 2007).

Durante a atividade me aproximei das mulheres pesquisadas e continuei mostrando com o dedo o preço do jogo de lençol de casal e o conjunto de panelas de inox e perguntando qual o mais caro e a diferença de preço entre os produtos. Naquele momento, foi feito o questionamento para todas: Vocês não se atrapalham na hora das compras?

Eu levo o dinheiro certo e já sei o que vou comprar e procuro saber o preço antes. É, e eu também faço compras sempre para minha patroa e vou ao banco pegar o dinheiro dela todo o mês e nunca me atrapalhei. Aqui é fácil por causa das figuras e soube logo que era do G Barbosa. Se fosse no livro, ficava mais difícil. Eu gosto de usar essas folhas, pró, pra vê se tá barato mesmo. Uma vez eu estava no caixa e a moça disse um preço e na folha estava mais barato, aí eu reclamei e a mulher mudou na hora de registrar (CRIS, 2018).

Percebemos que o letramento das mulheres estudadas é voltado para sobrevivência, para a necessidade de se mover numa sociedade que exige o domínio da leitura e cobra isso delas. São práticas de um letramento ideológico que estão diretamente ligados com as responsabilidades nas suas igrejas, nas suas casas, nos seus empregos que normalmente dependeria do domínio da leitura e da escrita. Esse letramento ideológico vai romper a dicotomia oralidade e escrita como a valorizada e, nos eventos de letramento vivenciados por estas mulheres a escrita está presente embora não domine a leitura, é o caso de Mar, Pérola, Rosa e Cris.

A partir das experiências das mulheres, podemos perceber o quanto o letramento pode ser complexo:

o letramento é complexo, envolvendo muito mais do que uma habilidade (ou conjunto de habilidades) ou uma competência do sujeito que lê. Envolve múltiplas capacidades e conhecimentos para mobilizar essas capacidades, muitos dos quais não têm necessariamente relação com a leitura (KLEIMAN, 2005, p.18).

Ao conceituar *eventos e práticas de letramento*, percebe-se que estão diretamente ligados, próximos, portanto não faz sentido abordá-los separadamente. Segundo Barton (1994), a expressão *eventos de letramento* se manifesta através de componentes mais visíveis e até palpáveis das atividades humanas na sociedade e que envolvem a leitura e a escrita, enquanto que as definições de prática de letramento estão mais distantes do contexto imediato em que acontecem os eventos. Ambos os conceitos implicam em um valor social, sendo estes objetos de interesses e de disputas de poder que sofrem influências de forças econômicas, políticas e religiosas que estão diretamente envolvidas no contexto dos sujeitos ou em contextos mais afastados.

Em relação às mulheres da comunidade do Miguel Velho, naturalmente, elas se envolvem em muitos eventos de letramento fora da escola e usam suas capacidades e conhecimentos de mundo para compreender o que está escrito nas receitas médicas do posto de saúde, nas receitas de bolos das suas patroas, nos rótulos dos produtos de supermercado, no placar dos ônibus, os anúncios das propagandas, anotam lista de compras, escolhem os sabores de uma pizza, de um suco em um cardápio e muitas outras coisas nas suas rotinas.

A compreensão do que acontece com a leitura e a escrita dentro ou fora das escolas, nas comunidades populares, tem relação, ou seja, perpassa por padrões culturais mais amplos, como crenças religiosas e outros fatores. Esse conhecimento surgiu a partir das pesquisas desenvolvidas em comunidades populares dos Estados Unidos (HEATH; STREET, 2008).

As mulheres do Miguel Velho vivenciam letramentos nas suas rotinas diárias que devem ser considerados pela escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo titulado: “Mulheres do Miguel Velho: reinventando letramentos em práticas cotidianas”, constituiu-se num processo de conhecer as práticas de letramentos no cotidiano de mulheres no segmento social a que pertencem.

A carência num aprofundamento em estudos que tratassem sobre os letramentos com mulheres, bem como, a preocupação com o futuro das estudantes que eram submetidas a uma quadrupla exclusão social - a primeira, por ser mulher, a segunda por serem negras, terceira por serem “analfabetas”, e finalmente por serem pobres - alavancaram o interesse em um trabalho tendo como objeto de estudo: mulheres. Os questionamentos suscitados foram: Quais letramentos as mulheres estudantes da Comunidade do Miguel Velho têm no seu cotidiano? Como se dá o processo de inserção dessas estudantes em práticas e eventos de letramento, na escola e na comunidade?

O estudo percorreu as trilhas do cotidiano de Pérola, Mar, Rosa e Cris, em processo de letramento e em situação de vulnerabilidade social, residentes na Comunidade do Miguel Velho, local onde essas estudantes estão matriculadas em classes de Educação de Jovens e Adultos. Essa pesquisa nasceu da minha experiência pessoal e profissional na educação pública e da vontade de contribuir para a qualidade no ensino de mulheres que estudam em turmas da Educação de Jovens e Adultos.

Os resultados dos estudos dos cotidianos das mulheres e a análise dos achados nos dirigem para uma reflexão profunda sobre a escolarização e os letramentos destas pessoas. Foi percebido que as mulheres da comunidade do Miguel Velho, se envolvem em muitos eventos de letramento fora da escola e usam suas capacidades e conhecimentos de mundo para compreender o que está escrito nas receitas médicas do posto de saúde, nas receitas de bolos das suas patroas, nos rótulos dos produtos de supermercado, no painel dos ônibus, nos anúncios, fazem lista de compras, escolhem os sabores de uma pizza, de um suco num cardápio e muitas outras coisas nas suas rotinas. São mulheres ativas, independentes, guerreiras, que apesar do rótulo de “iletradas”, conduzem as suas vidas com destreza e sabedoria.

Aos poucos foi sendo revelado que, vivendo numa sociedade letrada, as mulheres estudantes do Miguel Velho são expostas a diversos desafios, que as pressionam a buscar estratégias para superá-los, pois elas estão imersas numa rotina saturada de escrita, recebem informações desse meio através de diversas formas, como placas, rótulos, embalagens comerciais, revistas, folhetos de igreja, e muitos outros que têm contato, sendo impossível não participar de alguma forma dessas práticas, lhes oportunizando produzir e acumular conhecimentos.

Os dados mostram claramente que a distinção entre as situações cotidianas e as situações escolares praticadas por estas mulheres está no significado que estas situações têm na vida delas. É exatamente o significado que a leitura tem para cada mulher no momento em que elas estão no trabalho, na rua, na igreja, em casa, no lazer, nas compras e as estratégias que são utilizadas.

Pérola é negra como as outras três mulheres interlocutoras, mas é a que assumiu sua identidade étnico racial a partir da sua cor com naturalidade, pois, para ela, a sua pele negra é visível. Ela orienta com firmeza e ética a sua família e conquista o espaço da sua igreja fazendo parte do Coral das Senhoras, mesmo sem conhecer todas as letras do alfabeto. Mar demonstra o seu empoderamento de gênero, pois dirige sozinha uma casa com filhos, netos e nora, surpreende com o seu desembaraço com a tecnologia do aplicativo de troca de mensagens (*whatsApp*), além de empresariar o grupo de dança dos seus filhos, apesar de se transformar em uma “analfabeta” quando segura um livro didático para ler em sala de EJA da comunidade; Rosa transmite na sua fala o orgulho em ter o seu salário voltado para cuidados com a sua aparência, enfatizando a estética como meio de garantir a sua autonomia de gênero, mas essa conquista é entrecortada por convenções do gênero feminino nos deveres de mãe de dois filhos e de esposa. A estudante fica muito nervosa e evita as leituras de sala de aula, no entanto, demonstra tranquilidade quando precisa da leitura em outro espaço, como na pizzaria, sem as cobranças formais de uma sala de aula. Percebemos, durante as observações, que Rosa desenvolveu uma estratégia de leitura onde a harmonia das formas e/ou das cores como a do cardápio, facilita a sua leitura.

A experiência em sala de aula com a tímida Cris mostra o seu conhecimento de mundo e o seu letramento para a sobrevivência em uma cultura em que a oralidade é desvalorizada, embora esta seja fundamental para se estabelecer as relações sociais da estudante. A oralidade não é trabalhada com a mesma ênfase que damos a escrita, tanto a oralidade quanto a escrita assumem um papel importante na sociedade, porém há dificuldades de inseri-la no sistema formal de ensino e no contexto da sala de aula (LEITE, 2012). Percebemos essa fragilidade nas práticas em sala de aula.

Entendemos que as mulheres que estudam no Miguel Velho têm seu desenvolvimento educacional comprometido por razões que perpassam a questões econômicas, raciais e de gênero, mas não as impedem de conviverem em letramentos diversos em seus cotidianos. No entanto, não há relação nenhuma entre as práticas das mulheres no seu cotidiano com as práticas pedagógicas oferecidas na sala de aula. As estudantes estão envoltas em uma escolaridade nos padrões autônomos, cercadas por mecanismos de valorização de um letramento dominante imposto, e a instituição escolar reproduz esse discurso, contribuindo ou, na maioria das vezes, impedindo o sucesso na leitura e escrita das estudantes.

Estou convencida que o compromisso social desse trabalho, reside em conhecer as vozes das mulheres guerreiras da comunidade do Miguel Velho e apontar caminhos para uma prática pedagógica que seja um exercício de troca de conhecimentos e de realidades de vida e não mais uma reprodução parcial do sistema e da classe social dominante, possibilitando que a instituição escolar em questão e outras que atendam a essa modalidade, busquem estudar e entender o espaço e o meio social que os seus estudantes estão inseridos. A partir dessa compreensão é possível a elaboração de propostas pedagógicas que relacionem a realidade das pessoas da comunidade com outros conhecimentos visando facilitar o processo de ensino e aprendizagem. Portanto, o empoderamento seria mais do que uma simples transferência de poder, implicaria na tomada de consciência de direitos e, conseqüentemente, na superação da realidade na qual se encontram nossas protagonistas.

O presente trabalho pode ser compreendido como um esforço para relatar os letramentos vivenciados por mulheres lutadoras que podem ser alfabetizadas a partir da valorização do seu cotidiano. E, finalmente, a intenção é contribuir para o despertar em outros pesquisadores sobre o desejo de escrever sobre “mulheres”, sobretudo pobres e negras, para que elas apareçam, sejam vistas como pessoas de possibilidades e sobreviventes de um sistema perverso.

REFERÊNCIAS

- AGENCIA BRASIL. *Taxa de analfabetismo no país na faixa de 15 anos ou mais foi de 72% em 2016*. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-12/taxa-de-analfabetismo-no-pais-na-faixa-de-15-anos-ou-mais-foi-de-72-em-2016>>. Acesso em: 22 out. 2016.
- ALVES-MAZZOTTI, AJ. Relevância e aplicabilidade da pesquisa em educação. AJ Alves-Mazotti. *Cadernos de pesquisa*, 39-50, 2001.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. *Etnografia da prática escolar*. 18. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- BAIROS, L. Mulher negra: o reforço da subordinação. In: *Desigualdade racial no Brasil contemporâneo*. Belo Horizonte: CEDEPLAR-FACE-UFMG, 1991. p.177-193.
- BARTON, David. *Literacy – an introduction to the ecology of written language*. Cambridge/USA: Brackwell, 1994.
- BAYNHAM, Mike. Ethnographies of Literacy: Introduction. *Language and Education*. Leeds, UK, University of Leeds, *School of Education*. v. 18, n. 4, 2004. pp. 285-290.
- BENTO, M. A. Raça e Gênero no mercado de trabalho. In: *Trabalho e Gênero: mudanças, permanências e desafios*. São Paulo: ABEP/NEPO – UNICAMP/CEDEPLAR- UFMG/ Editora 34; 2000. p 295-307.
- CHARTIER, Anne-Marie. Leitura escolar: entre pedagogia e sociologia. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro: n. 0, p. 17-52, set./dez., 1995.
- CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. *Estudos Avançados*. nº49, 2003. p.117-132
- _____. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Artigo apresentado no *Seminário Internacional sobre Racismo, Xenofobia e Gênero*, organizado por Lolapress em Durban, África do Sul, em 27-28 de agosto de 2001.
- DI PIERRO, Maria Clara; GRACIANO, Mariângela. *A Educação de Jovens e Adultos no Brasil*: informe apresentado à oficina regional da UNESCO para América Latina y Caribe. São Paulo: Ação Educativa – Assessoria, Pesquisa e Informação, 2003.
- FERREIRA, N.S.A. As pesquisas denominadas 'estado da arte'. *Educação & Sociedade*, Campinas, ano 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002.
- FISCHER, Adriana. *A construção de letramentos na esfera acadêmica*. Florianópolis. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, 2007. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/viewFile/1984-8412.2009v6n2p55/12514>>. Acesso em: 10 jan 2018.
- GEE, J. P. *Social linguistics and literacies: ideology in Discourses*. 2 ed. London/Philadelphia: The Farmer Press, 1999.
- EntreRios – Revista do PPGANT -UFPI -Teresina • Vol. 3, n. 1 (2020)*

GIL, A.C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GONZALEZ, L. A mulher negra na sociedade brasileira. In: Luz M. *O lugar da mulher*. Rio de Janeiro: Graal; 1982. p. 87-106.

HEATH, Shirley Brice.; STREET, Brian Vincent. On ethnography: approaches to languages and literacy research. *National Conference on Research in language and literacy*. New York: Teachers College Columbia, 2008.

KATO, Mary Aizawa. *No mundo da escrita: Uma perspectiva psicolinguística*. 7 ed. São Paulo: Ática, 2009.

KLEIMAN, A. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. In: *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53, p. 1-25, dez, 2007. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/viewFile/242/196>>. Acesso em: 09 out. 2017.

KLEIMAN, Angela Bustos. (Org.) *Os significados do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

LEITE, Alda Fernanda Correa. *Trabalhando a oralidade na sala de aula*. 2009. Disponível em <www.webartigos.com/artigos/trabalhando-a-oralidade-na-sala-de-aula/> Acesso em: 01 de junho de 2012.

NOGUEIRA, O. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. *Tempo Social*, Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 287-308, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v19n1/a15v19n1.pdf>>. Acesso em: 10 abril. 2018.

PAHL, K.; ROWSELL, J. *Literacy and education: Understanding the New Literacy 106 Studies in the classroom*. 2005. (Ed.). London: Paul Chapman Publishing.

PASSOS, J. C. *Juventude negra na EJA: os desafios de uma política pública*. Florianópolis: PPGE:UFSC (Tese de Doutorado), 2010.

POVEDA, David; CANO, Ana; PALOMARES-VALERA, Manuel. Religious genres, entextualization and literacy in Gitano children. *Language in Society*. United States of America, 2005, n. 34. p.87-115.

QUEIROZ, D. M., 'Raça' e educação na Bahia nos anos 90". *Revista da FAAEBA*, 12 (jul./dez., 1999).

RUFINO, Alzira. Bolsa Poética. Edição da autora. Idem. Eu, Mulher Negra, *Resisto*. 1988. Gráfica A Tribuna de Santos.

SARDENBERG, M. B. Cecília. Conceituando “Emporeamento” na Perspectiva Feminista. 2006. 12 f. Artigo – NEIM/UFBA, Bahia, 2006.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramento da reexistência. Poesia, grafite, música, dança: hip-hop*. São Paulo: Parábola, 2011.

STREET Brian. Abordagens Alternativas ao Letramento e Desenvolvimento. Apresentado durante a Teleconferência, Unesco-Brasil, sobre “*Letramento e Diversidade*”, 2003. Disponível em: <http://docslide.com.br/documents/street-traduzido.html>> Acesso em 20 out. 2016.

_____. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento na etnografia e na educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

STREET B; LEFSTEIN, A. *Literacy: an advanced resource book*. London/New York: Routledge, 2007.

VÓVIO, C. L. *Entre discursos: sentidos, práticas e identidades leitoras de alfabetizadores de jovens e adultos*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) –Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2007.

YIN, R. K. *Estudo de Caso: Planejamento e Métodos*. 4 ed. Porto Alegre: Bookman,